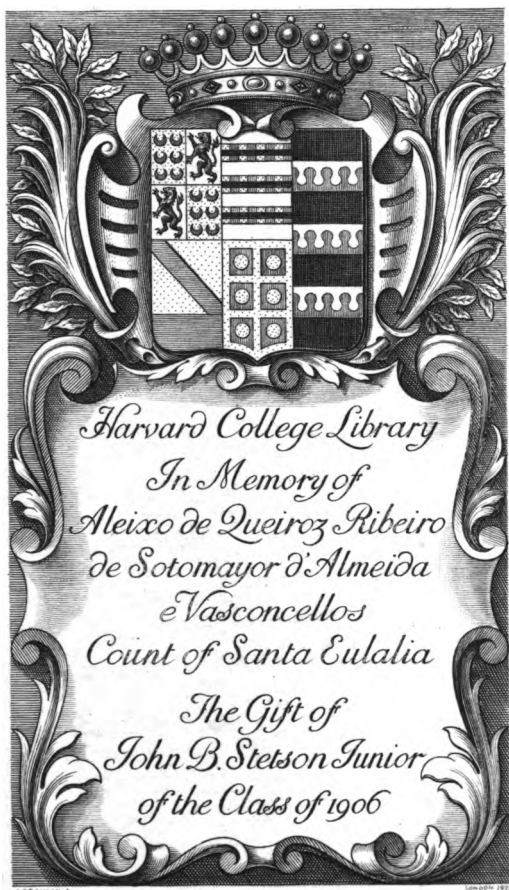


Port
6019
35.5



Part 6019.35.5



Agassiz & Co. N.Y.

London 1906

Cover

1.10

CANDIDO DE FIGUEIREDO

UM ANJO MARTIR

(POEMA LYRICO)

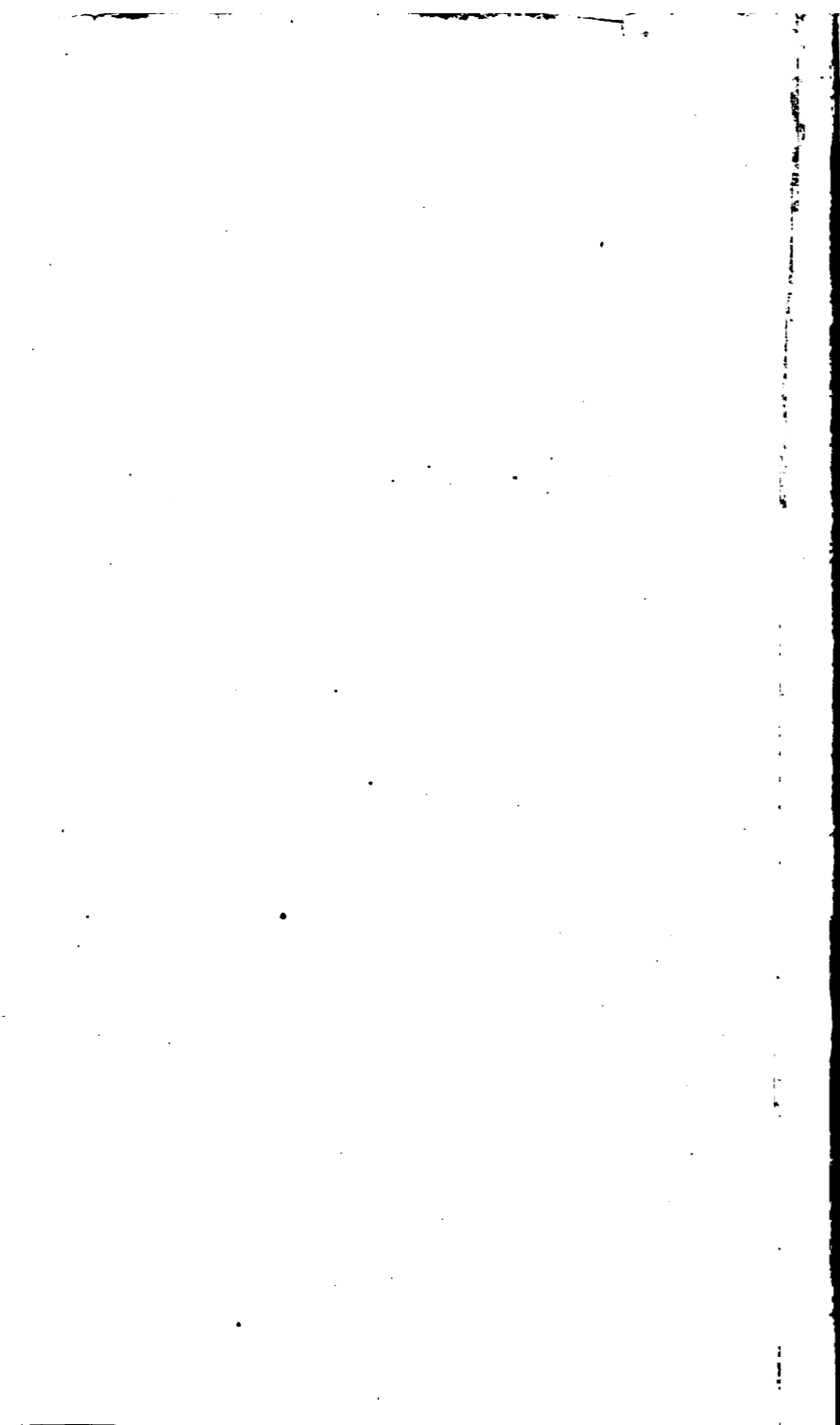


LISBOA

TYPOGRAPHIA FRANCO-PORTUGUEZA

6, Rua do Thesouro Velho, 6

1868

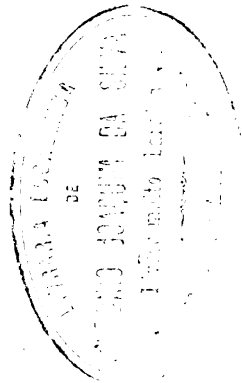


UM ANJO MARTIR

POEMA LIRICO

POR

CANDIDO DE FIGUEIREDO



LISBOA

TYPOGRAPHIA FRANCO-PORTUGUEZA

6 Rua do Tesouro Velho 6

1868

Port 6019.35.5

HARVARD COLLEGE LIBRARY
COUNT OF SANTA EULALIA
COLLECTION
GIFT OF
JOHN B. STETSON, Jr.
AUG 14 1924

26-26
128

Meu pacto.

Ao folheares o voluminho que te offereço, não penses que vais deliciar-te na contemplação de lances dramaticos, de intrigas amorosas, de ingenhosos inredos, de fantasias romanticas. Nada disso.

Se alguns longes de merecimento se pôdem divisar nessas poucas paginas, promana elle da veracidade dos factos que aí aponto. A imaginação não a cancei muito na elaboração deste pequenino poema: falho embora de interesse e inrêdo, é elle a narração singela das desventuras rias duma criança de cinco annos.

E para que ninguem ponha em duvida a sinceridade do meu dizer, vou transcrever na íntegra a carta que me inspirou este poemazinho, e que eu recebi em 20 de novembro de 1866, sendo ainda collegial no seminario de Vizeu.

Resa assim a carta alludida:

•Sr. Candido de Figueiredo.

•A estas horas está por certo esquecido do pedido que lhe fiz em a noite de 13 de setembro. Asseguro-me disto, porque já lá vão dois

VI

mezes depois dessa noite, e não me consta que haja satisfeito a tal pedido, que hoje reitéro, esperançada no cumprimento da sua promessa.

«Se bem me lembro, tinha v. recitado nessa noite a sua *Providencia dos Pobres* que, se v. me permite formar juizo sobre tal materia, é uma das suas poesias onde mais se revela uma alma bem formada e um coração sensível.

«Acudiu-me para logo ao pensamento que poucos como v. poderiam satisfazer ao desejo que eu tinha de ver ainda vasada no papel a historia daquella infeliz Luisinha, historia de que eu fui quasi testemunha ocular.

«Manifestei-lhe a minha ideia, e v. acolheu-a dum modo tão lisongeiro que hoje, ao ver ainda gorada a minha expectação, chego a duvidar da sinceridade com que me falava. Ha mais de seis annos que leio poetas, e parece-me que não chego a saber quando falam verdade.

«Releve-me esta franqueza e estas familiaridades, lançando-as á conta do grande desejo que tenho de ver desempenhada a sua palavra.

«Escaceiam-lhe os apontamentos? Af lh'os repito.

«A febre tifoide que, durante o anno passado, tantas povoações ialutou nas abas da serra da Estrella, entrou no pobre albergue de uma pobre familia que toda se compunha de pai, mãe e filha. A primeira victima foi o pai, o honrado operario, que deixou a esposa e a filha sem pão e sem amparo. Cai no leito da morte a desditosa mãe: abandonada pela caridade, e vendo que ia deixar entregue aos baldões do mundo uma criança de cinco annos, sente-se alanceada pelo mais cruel martirio. Dá, com os ultimos conselhos, os ultimos adeuses á sua Luisinha, e morre.

«O senhorio do albergue apossa-se dos ultimos trapos da familia de Luisinha, e expulsa, porta fóra, a malfadada criança. Luisinha, sem pai, sem mãe, sem abrigo, sem lume e sem pão, discorre desvairada pelos caminhos de logar, e vai morrer, uma noite de neve, ás portas do cemiterio!

«Af tem o poeta preparada a tela. Venha agora a palheta do artista colorir as tristes scenas que af lhe deixo esboçadas.

VII

«Fale pois de Luisinha e de sua mofina sorte, mas não diga o nome do desalmado que expulsou do ninho a avesinha implume.

«Consagre um intervalo das suas fadigas escolares ao desenho deste quadro, e creia-me

«De v. etc.

«*Angelina de Reboredo Cabral de Tavares Moniz.*»

Aqui está, meu Simões Dias, comprovada a veracidade da historia que eu metrifiquei e aconsoentei como pude, annuindo ao pedido de uma senhora que eu devéras préso por seus talentos, belleza e dicrição. Os anjos mandam, não pedem.

O caso é que, oito dias depois de recebida aquella carta, o poemeto estava concluido, e nas mãos de D. Angelina de Reboredo.

Saldei a divida; e, como nada devia ao publico, retardei a publicação, restringindo-me á transcripção de alguns fragmentos em diversas folhas periodicas, e fazendo conta de incorporar o poemeto com os meus *Quadros Cambiantes*. Como porém a essa incorporação obstaram circumstancias que não vem a ponto referir, elle aí vai, desacompanhado, á mercê dos ventos da publicidade.

Mas não quero fazer ponto sem te dizer o motivo porque D. Angelina me pede que não fale do *desalmado que expulsou do ninho a avesinha implume*.

É que a deshumanidade albergou-se desta vez num peito decorado por grossas cadeias de oiro; e a mão avara que não deixa cair um ceutil nas palhas do pobresinho, não hesitaria em despejar os seus cofres para pagar com usura o menor desacatamento que a voz da justiça lhe arrojasse ás faces.

Para tais homens—ramos enfesados e malditos da arvore social—lá está em cima o olho da Providencia que tudo vê, e o fiel da balança da justiça divina que se não corrompe.

Coimbra, 6 de março, 1868.

C. de Figueiredo.

UM ANJO MARTIR



I

Cinco annos

Cinco annos! —idade aurea!
poema de amor celeste!
abril que de amor se veste!
amor que ri em botão!

Se me lembro do preterito,
e dos sonhos dessa idade,
sinto no peito a saudade
maguar-me o coração!

pois a luz suave e esplendida
do puro sol da innocencia,
que nos doirou a existencia,
¿quem ha que a não lembre? quem?

Vêde na celeste cupula
tantas estrellas brilhantes:
juntai-lhes rubís, diamantes,
juntai-lhes o sol tambem,

e só um reflexo palido
tereis daquelles fulgores
que doiram as puras flores
daquella idade infantil.

Juntai a violeta ao lirio,
ao cravo, á rosa, á verbena;
juntai á branca assucena
todas as flores de abril;

e de tão várias essencias
ninguem dos homens resume
o doce, ignoto perfume
que a gente respira então!

Vai-se-nos a alma em delirio,
e, desde a aurora ao sol-posto,
ha só fartarmos de gosto
o innocente coração!

Ora em delicioso extase
a contemplar o presente;
ora a doidejar contente,
¿quem pensa então no porvir?

Pense nelle o velho trémulo,
espelho de desinganos,
que a idade dos cinco annos
é só de folgar e rir.

II

Languet flos

Mas se o folgar e o rir são flores dessa idade,
se nos vergeis da infancia aromas chove o céu,
¿ porque te vejo triste, ó flor da soledade ?
¿ quem te afogou o olhar, de lagrimas num véu ?

Palida flor de neve, ¿ escondes em teu seio
verme que te corroe, ao teu desabrochar ?
Oh ! dize-me, infeliz, dize-me donde veio
estranha palidez teu rosto desmaiar !

♪ Que vento te roçou, levando o puro aroma
que o teu abril vasou em calice de amor?

♪ Que vento assim te inclina a loirejante coma,
varrendo-te da face a purpurina côr?

♪ Já sobre ti soltou as asas pavorosas
acaso a tempestade infrene das paixões?

Oh! cinco annos!... Não! que flores tão mimosas
respeita-as o simoún que abrasa os corações!

Silencio! ♫ Que diz ella, a pobre innocentinha,
branco lirio a tremer no céspede do val?

Deixai, deixai-me ouvir as queixas de Luisinha!

Já sei!—tem fome e frio, e eil-a a carpir seu mal.

Vêde como suspira e implora a caridade,
mostrando a descarnada e pequenina mão!

Por quem sois, mitigai-lhe as dôres da orfandade!

por Deus! não lhe negueis da caridade o pão!

III

Orfan

Houve tempo em que a aurora surprehedia
o agricultor lidando em campo alheio :
trabalhava, suava, mas no seio
sorria-lhe uma esp'rança..., e ao fim do dia
para o rustico albergue conduzia
do seu trabalho a escassa recompensa.

Ninguem ha que comprehenda, ninguem pensa
quanto prazer lhe bafejava a vida,
quando ao entrar na rustica morada
o acarinhava a esposa idolatrada,
e o rebeijava a filha estremecida :
— doce premio ao findar do campo a lida !

Depois, sentados junto da lareira
o pai, a mãe, e a filha — seus amores, —
da lida abençoavam os suores
que lhes traziam vida prazenteira,
pois quando a enxada entrava a tosca ombreira
com ella vinha o pão de cada dia.

Deliciosa a vida assim corria ;
mas que prazer ha aí que se não quebre
ao fatidico açoitado da desgraça ?
— Em céu sem nuvens uma nuvem passa,
tolda-se o céu... : ás portas do casebre
vai um dia bater a fome e a febre !

Descarrega seu gladio impiedosa
a morte ; de Luisinha o pai succumbe,
e faz que o derradeiro ai retumbe
no fundo da alma da infeliz esposa,
legando-lhe a doença pavorosa.
E a pobre filha... Escute-se Luisinha :

— « Por caridade, esmola á pobresinha !
e se ao pé dos gemidos da innocencia
deixais adormecer a caridade,
ao menos vá mover-vos a piedade
vá despertar em vós doce clemencia
o lembrar-vos da inferna na indigencia !... »

Ah! não vos esqueçais da desgraçada,
da minha pobre mãe que tanto pena!
— Meu Deus! meu Deus! ainda tão pequena
e já tão infeliz! Ver eu deitada
no leito da doença a mãe amada,
e não ter para dar-lhe senão pranto!

Deus do céu! que fiz eu, que soffro tanto?!
Bem sabeis que não posso ver de fome
perecer minha mãe! — se fôr preciso,
levai-me Vós ao vosso paraíso,
mas livrai-a da febre que a consome,
e bendito será o vosso Nome!

¿E meu pai onde está, que assim se esquece?...
se eu soubesse onde foi, onde se esconde!...
minha mãe diz que foi não sei para onde,
mas que elle voltará!... Oh, se eu pudesse,
iria procural-o, e, se viesse,
talvez que o pranto me estancasse em breve!

Intorna esse teu pranto, flor de neve,
que o pranto da innocencia é puro e santo!
Sim, chora, que os teus prantos, branco lirio,
hão-de esmaltar-te a c'roa do martirio!
Chora! que acima do celeste manto
ha Alguem que pésa as bagas do teu pranto!

IV

A caridade

Caridade!... Na terra não ha lingua
que diga quanto vale o óbulo santo
que vai doce enxugar o amargo pranto
duma innocente que perece á mingua!

E quanto será grato á Providencia
o balsamo que o amor, sorrindo, verte,
ungindo o corpo, já talvez inerte,
da triste que infermara na indigencia!

Caridade!... Eu a adoro, a filha pura
dum puro amor que Deus nos gravou n'alma.
Com seus efluvios a miseria acalma,
e prende o Creador á creatura.

Ai de nós, ai da triste humanidade,
se nunca o amor a um ser um ser ligara!
Ai daquelle que esconde a mão avara!
Ai de nós, sem a doce caridade!

A caridade é sol esplendoroso
que irradia no peito do que sofre...;
é caridade é matutino aljofre
que alentar vem o lirio sequioso...!

a caridade é anjo que Deus manda
das luminosas regiões ethereas:
vem abrandar-nos dores e miserias,
e da terra a enxugar os prantos anda!

Homens, amai-vos! É a voz do Eterno
quem manda amar; e quem amar não ha-de?
Juntai-vos! eil-a desce, a caridade!
— é ella o vosso laço, o amor fraterno!

Irmãos! Maldito aquelle que primeiro
estalar o liame que vos prende!
Maldito! que á vontade se não rende
d'Aquelle que ligou a vide ao ulmeiro!

Quer Deus que nos meandros do arvoredos
se mutúem carinho o lirio e a rosa;
e quer que a onda languida, espumosa,
da praia beije o inóspito rochedo!

Deus poz a par do sol a branca lua,
e á rolasinha deu-lhe um companheiro;
e a cada flor e plantas do canteiro
um zéfiro que afague a coma sua.

E Deus — que é todo amor! — também a terra
ao sol uniu por invisíveis laços!
Uniu tudo o que incerram os espaços,
e os mundos, quantos ha, o amor incerra!

E sendo assim, não quereria Elle
— o Deus que amais em espirito e verdade —
não quereria Deus que a humanidade
se una, se ligue, e essa união revele?

*Amai-vos uns aos outros, pois é certo
que os exemplos do Mestre tendes visto!*
Ecôe na vossa alma a voz do Christo!
que a voz do amor não clame no deserto!

E quem seu irmão ama, nunca o deixa
bater vamente ás portas da opulencia;
abrandalhe o supplicio da indigencia,
leva consôlo á dolorida queixa.

Eil-a aí! — Dai esmola á pobresinha!
olhai, é vossa irman! por caridade
vinde adoçar-lhe o absinto que a orfandade
vasou no puro seio de Luisinha!

Caridade!... Silencio! — não ha lingua
que bem tradusa sua divina essencia,
quando ella escuta as vozes da innocencia,
quando ouve a inferma que parece á mingua!

V

O casebre

Toda a tarde esmolou de porta em porta
a innocente Luisinha, e sabe Deus
como escutaram os gemidos seus
e viram suas lágrimas! — que importa,
que importa a muita gente que a desgraça
mate de fome ou cubra com andrajos
o que na rua passa!...

Deus, que, todo perdão e paz e amor,
não dá que ser algum — creado — esteja
fóra da immensa rede

que a Providencia pelo mundo estende,
muitas vezes concede
seus dons ao homem, inda que o homem vende
os seus olhos á luz que o céu dardeja!...

Mas viva Deus! que, certo, inda alguém sabe
que no arido deserto da existencia
não chovem só um dia
— como o maná — os dons da Providencia;
— attende e escuta o irmão
que passa a noite e o dia
faminto e nú..., com elle parte o pão,
e no outro dia em casa lhe não cabe
o pão que Deus lhe envia!...

E por isso Luisinha, que a orfandade
logo ao nascer posera
num cadinho de dores,
para que, ao ver quebrar
esse crisol, fosse aspirar as flores
da eterna primavera,
ainda recebeu da caridade
um bocado de pão.
Já se chegava a hora do sol-posto,
mas Luisinha já tinha que levar...
Parece que o desgosto

então lhe deixou livre o coração,
deixando transluzir no alvo rosto
a candida expressão
do gosto que teria
quando intregasse á pobre mãe enferma
a esmola desse dia!...

Lá vai ella caminho do casebre
que alem destaca ao fim da sua aldeia..
É ao cair da tarde. O fumo ondeia,
erguendo-se das choças e casais;
dos montes do levante, a lua cheia.
coando-se por entre os pinheirais,
vem projectar seus raios prateados
no tecto dos colmados.

Expira emfim a tarde melancolica.
A penumbra indecisa do crepusculo
lá domina o casebre solitario,
silencioso e triste como um tumulo!

Se o visseis nessa hora
talvez dissésseis que d'ali a vida
fugira espavorida,
açoitada da morte assoladora!

Mas era ingano!— Dentro do casebre,
cançada da vigilia diuturna,

★

esmorecia a luz
duma vida que a febre
alimentava — como a fragil urna
que junto duma cruz
resguarda os clarões baços
dum triste lampadario
e espera trémula o roçar do vento,
por se fazer pedaços
contra os degraus de funebre moimento!

.....

Entremos com Luisinha
ao casebre. Quem vê a rude ombreira
para logo adivinha
a miseria que lá por dentro móra.

Entremos. Na lareira
resfriaram-se as cinzas, desde a hora
em que arderam os ultimos gravatos
que a pobre mãe da pobre innocentinha
trazia em tempo dos maninhos matos.

A candeia apagada
estava pendurada
em a parede denegrada e nua :
o casebre outra luz não recebia
senão a luz do dia
que entrava só pelo portal da rua.

Se os olhos buscam mais, apenas vêm,
por moveis, a pobreza a cada canto;
por joias, os aljófares de pranto
os cilios orvalhando á triste mãe,
 que tinha por colchão
humidas palhas no gelado chão!

—«Vem na paz do Senhor, meu pobre anjinho;
vem matar as saudades que me dás,
quando não góso, filha, o teu carinho,
quando de mim bem perto não estás!
Tu bem viste o innocente passarinho
buscar as balsas, e inda agora vens!
Talvez adormecesses no caminho,
já cançada das noites que tu tens
 passado desveladas,
a murmurar-me falas abençoadas,
e com teus beijos de innocencia e amor
a refrescar-me as faces abrasadas
 da febre no calor...»—

—«Mãi, não adormeci; a caridade
 é a que me parece
 que ás vezes adormece
 e que de nós se esquece
 sem dó nem piedade!...

Toda a tarde esmolei de porta em porta,
mas dentro não entrava a minha voz,
que dentro a gente estava surda ou morta...

Mas houve enfim alguém
que se lembrou de nós:
a porta descerrou
e deu-me que trazer-te, minha mãe!»—

—«Que trases, filha?»—

—«Pão. Bem pouco é
para uma inferna a quem a febre e a fome
prende a essas palhas e a consome.

Mas o Senhor bem vê
que mais e mais trouxera
se caridade houvera
nos que tem a fortuna sempre ao pé!»—

—«Ai, pede para ti! És pequenina,
precisas ser mulher.

Como o suão que a tenra flor inclina
a fome assim te murcha, e Deus não quer
que em tão mimosa idade
uma innocente assim pereça á fome!
Estás há tantos dias sem comer!...
Cóme o pão que trouxeste, filha, cóme;
e, quando amanhecer,
vai de novo implorar a caridade!

Não peças para mim:
a febre que as entranhas me devora
dá-me também sustento a toda a hora...
é Deus que o manda assim.»—

VI

A noite da inferna

Uma noite de janeiro
em terras de Portugal,
quando o castello roqueiro
e o mais humilde casal
namoram a branca lua
que em céu de anil flutua ;
quando reina doce paz
no céu, na terra e nos mares,
e tudo em silencio jaz
— gandaras, montes e algares :

uma noite de janeiro
em terras de Portugal,
quem a não viu é o primeiro
que bem pôde, por seu mal,
dizer que a alma enregelada
por uma descrença fria
nunca a sentiu bafejada
pelô arcanjo da poesia...

Mas o que já uma hora,
nessas noites de luar,
escutou embevecido
o murmurinho sentido
da cascata a tintilar;

quem um momento estendeu
até lá acima um olhar,
como querendo contar
as estrelinhas do céu:

diga o que sentiu então
ness'hora misteriosa,
em que o nosso coração
não sabe se pena ou gosa.

Eu não sei bem se é tristesa,
nem sei bem se é alegria
o que nossa alma extasia,
quando nossa alma tem presa
o incanto da natureza.

Curvemo-nos ao misterio,
e a crença fique de pé!—
Seja pena ou alegria
o que nossa alma extasia,
oh! silencio! que a poesia
ninguem diz o que ella é!

.....

E como a noite vai linda!
As torrentes de harmonia
da cupula azul e infinda
ressumbram cá para a terra
esses jorros de poesia
que nos astros Deus incerra.

E no bello panorama
alumiado pelo alvor
da lua que a luz derrama
sobre as obras do Senhor,
destaca um grupo de amor;

que por noites de luar
o amor chove, gota a gota,
e não sei que voz ignota
a gente convida a amar.

Pelas fendas dum colmado
entra o luar prateado,
confundindo o seu palor
co'o palor que triste brilha
nas faces da tenra filha,
unida suavemente
ao seio da mãe doente,
refrigerando-lhe o ardor
da febre que lh'a devora.
Não vos menti, vêde agora:
eis o meu grupo de amor!

Diga-me alguém se o escopro
de Canova talharia
grupo de tanta magia
como ess'outro a quem um sopro
de Deus ajuntado havia.
Deitada sobre o seu leito
de palhas em terra fria,
a mãe unia ao seu peito
a filhinha que dormia,

e a dormir a mãe beijava.
E a triste da mãe velava;
velava, sim, porque a febre
as noites lhe desvelava;
mas se á restia do luar
que alumiaava o casebre,
visseis seus olhos incertos
a divagarem nas orbitas...;
se dos labios meio-abertos
ouvisseis o murmurar,
e apalpasséis esse fogo
que as faces lhe ia queimar,
certo, não diríeis logo
se estava a triste a velar!

E velava — se alguém vela,
quando a febre do delirio,
revelando atrás martirio,
a loucura nos revela!...

A palida lua, ermando
na abobada azul e erma,
refrangia um raio brando
por sobre o rosto da inferma;

e a inferna, erguendo um olhar
ao foco de branda luz,
os sonhos d'alma traduz
nas vozes do delirar :

—«Eis-me aqui no teu calvario!
legaste-me o teu sudario,
e descançaste... nos céus!

Vejo-te além dos espaços
a estenderes-me inda os braços...
Esposo, eu vou! filha, adeus!

Ao ver-te de luz cercado,
anjos dum e doutro lado,
sol por baixo, e em cima Deus...

eu, suspirosa, desejo
ver-me aí onde te vejo...
Esposo, eu vou! filha, adeus!

Meus carinhos ainda amas,
e tão saudoso me chamas
relembrando afagos meus,

que a esposa ficar não ha-de!
Eu vou matar-te a saudade!
Eu parto! Filhinha, adeus!

E neste adeus delirante
ergueu-se a febricitante,
mas, trémula, vacillante,
desmaiada se assentou.
E Luisinha, nesse instante
acordou, e, supplicante,
respondeu :

—«Eu tambem vou!

¿ Mas aonde irmos agora?
¿ aonde vais, minha mãe?
se nos caminhos ninguem
caminha por esta hora!»—

—«Não vês teu pai? olha bem :
Luzes..., anjos..., elle e Deus!
¿ Não vês que chamar-me vem?
É tempo, filhinha... adeus!»—

—«¿ Que dizes, que dizes, mãe?»—
E Luisinha a mãe cingiu
como em delirio tambem,
e de beijos a cobriu.

A enferma a fronte inclinou
sobre o peito, sem falar;
e largo tempo guardou
um silencio tumular.

Parece que o desvario
a pouco e pouco a deixava,
e o pranto caiu-lhe em fio
sobre a filha que a abraçava.

.....
— «Que te disse eu, minha filha?
que ouviste dizer á louca?...
Ai, sinto abrasada a boca!
Chega-me aos labios a bilha!

— «Não tem agua, minha mãe,
e a fonte é muito distante...
Espera, que a manhan vem.»—

Nos pincaros do levante
repointava a madrugada,
erguendo-se radiante
— toda timida e córada,
pudibunda e preguiçosa—
do seu leito de escarlata,

toda vestida de rosa;
toda toucada de prata.

E aos sorrisos da alvorada,
o anjo loiro entristecia,
e, á triste mãe abraçada,
entre soluços dizia :

—«Já lá nasce um novo dia,
de novo o sol romper vai;
e sempre a mesma agonia!
sem nunca chegar meu pai!

¿Tu não me disseste, mãe,
que te chamava? mas donde?
¿mas elle porque se esconde?
¿mas elle porque não vem?
E se a ti só apparece,
sem que o lobrigue ninguem,
¿porque é que de mim se esquece,
que me não chama tambem?»—

—«Filha, escuta: das alturas
não descem vozes senão
áquelles que perto estão
das geladas sepulturas.

teu pai chama-me do céu,
que a luz destes olhos finda...;
mas tu viverás ainda...,
não oiças o brado seu.»—

—«Do céu?! Ao céu só se vai
cá deste mundo, em morrendo!
Que me dizes? Não intendo!
¿pois morreria meu pai?

—«Não, filha: quem ama a Deus,
e o trabalho também ama,
ao descanso Deus o chama,
não morre... vive nos céus!

E agora que já me vejo
do frio sepulcro á beira,
recebe com este beijo
minha bençãam derradeira.»—

VII

À beira do tumulto

Ha aí a inspiração na fronte calma
que vê d'um lado a campa, e do outro a vida:
se a escutarmos, revela-nos essa alma
os segredos da terra promettida;
e o ouvil-a doces balsamos espalma
nas chagas da existencia dolorida,
que sempre é grato ao que erra no deserto
saber que ha uma fonte, ou longe ou perto...

Alente-vos a fé, e no chão roje
a gelada descrença que vos rala :
surdos ao coração, attendei hoje
á voz da inspiração ; que quem vos fala,
com os olhos no céu se parte e foge
do mundo que se aprouve abandonal-a.
E pois que a abandonou, escute o mundo
o ultimo alento a um seio moribundo :

— «Filha ! inlaçada assim ao meu pescoço,
como hera verdejante a um tronco velho,
resa, filhinha, resa o padre-nosso,
e dobra sobre a terra o teu joelho :
já que amparar-te os dias eu não posso,
que não permitta Deus que eu seja o espelho
onde, involto em miseria e dor tamanha,
o teu futuro reflectir-se venha !

Filha, um beijo ! Da morte o sopro frio
breve desligará nossos abraços ;
e depois, deste albergue o senhorio
te expulsará e negará os braços ;
e, se verteres lagrimas em fio,
hão-de rir-se de ti homens devassos ;
e não terás mãe terna que te abrace
e te rebeije a lagrimosa face !

★

Mas acima do sol e dessas luzes
que de noite ao miral-as pasma a gente,
ha um pai carinhoso que por cruces
nos dá palmas e gloria eternamente;
e os espinhos, que em lagrimas traduzes,
inlaça-os em corôa refulgente,
com que na outra vida que não passa
Elle ingrinalda os filhos da desgraça!

E que importa uma lagrima na vida,
se Deus a funde em pérola brilhante!...
—Se a desdita nos abre uma ferida
e nos inturva o olhar a cada instante,
por fim desponta a aurora apetecida,
intorna Deus um balsamo incessante,
e cada coração se alarga e expande
para colher as benções do Deus grande!

Ai, filha! quando a minha eterna ausencia
te destilar o pranto da saudade,
e nesta via-sacra da existencia
trilhares os espinhos da orfandade,
ajoelha e ergue as mãos á Providencia,
pois é piedosa e justa, e, certo, ha-de
lá nessas regiões incantadoras
inthesoirar as lagrimas que choras.

Mas olha, filha: o mundo tem miragens
que podem traiçoeiras enganar-te;
o mundo tem abismos e voragens
em que podes incauta despenhar-te;
formosas a sorrir, falsas imagens
encontrarás talvez nalguma parte,
e, se te apraz então ouvir e vel-as,
por teu mal cairás nos braços dellas!...

Oh! se te visse Deus mulher perdida,
do vicio escrava, pasto de mundanos,
fôra melhor fugir-te a luz da vida,
no alvor primeiro dos primeiros annos!
Ai, se eu visse hoje, filha estremecida,
no teu porvir atrozes desenganos,
pedira a Deus em fervorosa prece
que na minha mortalha te involvesse!

Meu Deus! Vós que livrais do charco immundo
a nuvem côr de rosa, erguendo-a aos ares,
e que de abismo tetrico, profundo,
salvais o nauta na amplidão dos mares:
da innocente que fica neste mundo
não desvieis, meu Deus, vossos olhares —
não a esqueçais de noite nem de dia,
pelos vossos caminhos conduzi-a!

Vós que fazeis que a prófuga andorinha,
quando vai em demanda de outro clima,
em pleno mar encontre rochasinha
onde a avesinha se realenta e anima,
não deixareis que, triste e só, Luisinha,
não tendo quem a guie lá de cima,
ao crusar innocente o mar da vida,
poise cançada na onda intumecida!

.....

Mas quando, flor pendida em ermo agreste,
não aches quem te dê frescor e alento,
ergue os olhos á cupula celeste ;
bemdize o Que, dos anjos ao concento,
estende os braços do poente a leste,
regendo a terra, o mar, o céu e o vento ;
abre o teu seio a privações e a dores,
e trabalha ! Deus veja os teus suores !

O trabalho é por Deus abençoado,
e elle é quem varre o íntimo desgosto.
(Bemdito o pão, nas bagas amassado
do suor que a fadiga traz ao rosto !)
Se alguém, suando perlas, vai cançado
receber, á chegada do sol-posto,
a abençoada e apetedida féria,
folga a virtude, e esconde-se a miseria !

Se entrementes não podem teus bracinhos
mover-se, o dia todo, em rude lida,
vai, filhinha, juntar-te aos pobresinhos,
e com elles mendiga o pão da vida;
e quando nos teus aridos caminhos
vejas a caridade adormecida,
lembra-te de que Deus não adormece,
e a cada qual dará quanto merece!

Nem pames de que alguém existir possa
sem ter avonde terra; a maravilha
é vermos cada dia em vida nossa
que *os que não teem pai, Deus os profilha!*
Vejo-te ainda bem menina e moça,
mas Deus ha-de amparar-te, minha filha:
; não vês as aves que em abril gorgeiam?
ellas vivem, e as aves não semeiam!»—

Disse. E depois, como baixel sem remo,
parou, vergada ás dores e ao cançasso.
Depois... só murmurou, no arranco extremo,
erguendo o olhar anuveado e baço;
—«Chegou-se a hora!... desfaleço... tremeo...
Ai, filha!... filha, o derradeiro abraço!...
Do meu Senhor á augusta magestade
honra e gloria, por toda a eternidade!»—

VIII

O desinlace

O arcanjo da morte, pairando medonho,
brandira no ar sua foice fatal!
Luisinha abre os olhos! acorda dum sonho,
e a mãe vê tingida da côr sepulcral!

O rosto gentil de macío amaranto
ao frio cadaver ainda colou...
Recúa assustada... rebenta-lhe o pranto,
mortal palidez sua face inlutou.

Correu desvairada os caminhos da aldeia,
chamando sua mãe e cantando o seu mal...
mas quando chegaram as horas da ceia,
findara o seu giro, do albergue ao portal.

Fechada era a porta!... Em lençol mortuario
involta a mãe cara, levava-lh'a alguém...
Distante gemia o feral campanario,
e a pobre louquinha gemia também.

IX

No cemiterio

A noite corria escura.
Era noite de janeiro,
mas sem luar prazenteiro,
mas sem aquella doçura,
mas sem aquella magia,
e sem a limpidez calma
que vem instilar-nos n'alma
vagos sonhos de poesia.

Estende-se um véu cinzento
pela cupula celeste ;
gelado suspira o vento
entre os ramos do cipreste ;
e aos ais do vento gelado
casa seu pio funéreo
o triste mocho, poisado
nas cruzes do cemiterio.

Por sobre a erva mirrada
que orla cada sepultura,
branca, espessa cobertura,
floco a floco, a neve tece.
A neve cai, e no entanto
sobe aos ares triste canto,
tão suave e melancolico,
que só ouvil-o entristece.

¿ Mas que vóz suave é essa,
triste como os ais extremos
do que os umbrais atravessa
da eternidade ? Escutemos :

— « Todos cospem na orfandade !...
Todos me deixam sosinha !...
E a desditosa Luisinha...
consolal-a ninguem ha-de ? » —

E uma voz responde ao longe:

— Ha-de! —

— «Quem é que num cemiterio
responde aos suspiros meus,
quando ás minhas preces íntimas
não responde ella nem Deus,

— Deus me perdôe se eu pécco?»

E a voz respondeu ainda

— Éco! —

— «Não conheço! mas se és tu
quem me vem roubar á dor,
dize, em nome do Senhor,
quanto ainda te demoras!» —

E o éco dizia ao longe

— Horas! —

— «Bem hajas, fico esperando;
mas dize-me tambem já
se ha logar para a innocencia
onde minha mãe está.» —

E o éco dizia ao longe:

— Ha! —

—«Eu espero, e em Deus eu creio
de todo o coração meu;
e diz: «não é o céu
o premio de quem tem fé?»—

E o éco dizia ao longe :

—É!—

—«Meu Deus, vós, que sois tão bom,
deitai-me tambem no leito
onde meu pai une ao peito
os ossos de minha mãe,
e onde felizes, ninguem
jamais despertal-os vai!»—

E o éco disse inda ao longe :

—Ai!—

.....
.....

E o mesmo ai repetiu
tres vezes o eco sentido ;
depois... mais nada se ouviu
senão um froixo gemido
que se perdeu no cicio
das auras que ramalhavam
o alto cipreste esguio.

E a neve ainda caía
açoitada pelo vento;
nevoado o firmamento,
assim a noite corria!

E correu. A madrugada,
sorrindo, appar'ceu em breve,
e, quando a luz prateada
do sol, derreteu a neve,

alguem encontrou deitada,
do cemiterio á porta,
Luisinha, fria, gelada,
immoavel, palida... morta!

X

Epitafio

Se passardes junto á campa
da mãe, morta na indigencia,
abri vossa alma á clemencia,
dai-lhe a esmola... da oração!

Mas Luisinha, a quem a mágua
turbou a curta existencia,
e a quem vós, entre a opulencia,
negastes o vosso pão;

mas Luisinha, a flor dum dia,
anjo loiro de innocencia,
rogai-lhe que á Providencia
implore o vosso perdão!



OBRAS DO AUTOR

À VENDA NAS PRINCIPAIS LIVRARIAS DO REINO

UM ANJO MARTIR (poema lirico)	240
QUADROS CAMBIANTES (poesia lirica)	500
PIRILAMPOS (um volume de prosas) a entrar no prelo	



This book should be returned to the Library on or before the last date stamped below.

A fine of five cents a day is incurred by retaining it beyond the specified time.

Please return promptly.

BOOK DUE WID
NOV 5 1979
20

Port 6019.35.5
Um Anjo martir;
Widener Library

003157305



3 2044 080 822 943